

HAYDU, V. B. Mauro, egoísta? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1208, p. 3, 31 mar. 2006.

Mauro, egoísta?

Mauro, Maria, Pedro e o Sr. Luiz são os personagens fictícios que inventei para exemplificar situações do dia-a-dia e poder esclarecer os conceitos que venho analisando. Muitas vezes, eu reproduzo parte da história que descrevi anteriormente, porque considero que cada artigo deve ser independente. Ou seja, um leitor que não vem acompanhando de forma sistemática estas publicações, deve poder entender o exemplo que estou descrevendo, sem ter que procurar pelos artigos das edições anteriores. Por isso, peço desculpas ao leitor, que acompanha a publicação do Jornal Tribuna do Vale do Paranapanema de forma sistemática, quando retomo o enredo da história.

Então, aí vai um pouco da história: em uma conversa entre Mauro e o Sr. Luiz, no refeitório da fábrica de confecções em que trabalham, Mauro foi questionado quanto ao que sente por Maria, a ex-namorada que ele não consegue esquecer. O Sr. Luiz insinuou que Mauro está sendo egoísta, porque não cogitou a possibilidade de Maria, também, estar sofrendo com o término do namoro deles. “Você só pensa em você, cara! Nunca te passou pela cabeça que Maria pode ter feito o que fez por que não teve outra saída?”

De fato, Mauro não havia pensado na possibilidade de Maria estar sofrendo também. A única coisa que ele pensava é que ela era egoísta e que ela, provavelmente, nunca gostou dele. Ela só estava se divertindo, como ela mesma lhe disse. Isto fazia Mauro sentir muita tristeza, mágoa e uma vontade enorme de “sumir do mapa”. E Maria, como ela estava se sentindo? Maria achava que tinha feito o que devia fazer. De acordo com a sua análise, era melhor Mauro sofrer porque ela não o queria mais, do que ser agredido por Pedro, o seu namorado ciumento, e ter que se afastar dela de qualquer forma. Maria namorou Mauro no período em que Pedro estava trabalhando em Portugal e não mais fazia contacto com ela. Ela estava infeliz por ter sido cruel com Mauro, sentindo-se culpada por tudo que aconteceu, mas acreditava ter tomado a atitude certa, não revelando a verdade.

Será que a atitude de Mauro pode ser considerada como sendo egoísta, como o Sr. Luiz sugeriu e a de Maria altruísta, porque ela estava tentando proteger Mauro?

Os conceitos “egoísmo” e “altruísmo” são bastante complexos. Eles são critérios subjetivos que dependem da ética e da moral de um grupo social e se caracterizam como sendo o julgamento feito por terceiros. Uma pessoa pode se considerar altruísta, mas o que de fato vale é o que os outros pensam das atitudes que ela toma, em relação a outras pessoas.

Deixe-me explicar melhor. Mauro está magoado e acha que é o único a sofrer com a situação; Maria mentiu para Mauro para afastá-lo dela e, assim, protegê-lo do namoro ciumento; o Sr. Luiz julgou a atitude de Mauro egoísta e a de Maria altruísta. Não é o que cada um pensou de si que vale, mas é o que o Sr. Luiz (o terceiro) disse e, possivelmente, o que outras pessoas do grupo social também pensariam.

Será que o Sr. Luiz está certo, ao dizer que Mauro estava sendo egoísta? Pode ser que sim, se egoísmo for considerado como uma forma de agir em que somente a própria pessoa importa e não se considera o outro. E Maria, será que podemos dizer que ela foi altruísta? Bem, se analisarmos que Maria foi desonesta e que ela poderia estar mais preocupada em se proteger de Pedro, que ficaria furioso se soubesse que ela namorou Mauro, em sua ausência, e que, além disso, ela estava se esquivando de ter que explicar a Mauro por que não disse a ele a verdade desde o começo...

O julgamento de valores, como indiquei, tem origem na comunidade a qual pertencemos. Atribuímos valores às atitudes das pessoas, com base no efeito que elas geram e nos sentimentos que as acompanham. Se considerarmos como sendo altruísta, o indivíduo que se auto-sacrifica sem qualquer benefício próprio em curto ou em longo prazo, diríamos, como fazem os biólogos evolucionistas, que este tipo de altruísmo total é impossível. Isto porque, se determinados indivíduos se sacrificassem em prol dos outros, sem visar o próprio bem, eles provavelmente não sobreviveriam e não deixariam descendentes e, assim, a cultura deles não sobreviveria. Portanto, fazer o bem aos outros deve trazer algum benefício para o próprio indivíduo, mesmo que em longo prazo. O bem pessoal e o bem dos outros devem visar, em última instância, o bem das culturas.

Mauro e Maria estariam sendo corretos e agindo de forma ética, de acordo com os padrões de nossa cultura, se eles enfrentassem seus medos e contassem um ao outro a verdade. Isto, evidentemente, exigiria autocontrole, mas, desta forma, eles estariam contribuindo para o bem do outro e, muito provavelmente, para o próprio bem.

Quero chamar a atenção para o papel que o Sr. Luiz desempenha nesta história. Ele é o supervisor no setor em que Mauro trabalha e se tornou seu amigo. Ele criticou Mauro, fazendo-o prestar atenção em seu individualismo e no fato deste seu comportamento estar sendo prejudicial para um possível desfecho feliz do seu caso com Maria.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo